

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

PSICOLOGIA: COMPREENSÃO TEÓRICA E INTERVENÇÃO PRÁTICA

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P	<p>Psicologia [recurso eletrônico] : compreensão teórica e intervenção prática / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-65-5706-043-8 DOI 10.22533/at.ed.438201205</p> <p>1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A pós-modernidade possibilitou novas formas de reconfiguração da subjetividade. Frente a um cenário de incertezas e crises, são relevantes intervenções que possibilitem a transformação da fragilidade emocional, do sofrimento psíquico, da aceitação incondicional, da conduta, do comportamento e de suas essências, possibilitando uma reestruturação do sujeito.

Através de um grande número de posturas metodológicas para com o objeto de estudo, a psicologia ganha destaque por representar um instrumento de transformação nos quadros de saúde mental da população. Neste sentido, a saúde pode ser influenciada por diferentes condições, tais como diferenças individuais, traços de personalidade, sistema de crenças, sistema de valores, atitudes, comportamentos, redes de suporte social e meio ambiente, sendo este dos fenômenos mais estudados nessa relação que envolve a dinâmica entre os aspectos psicológicos, biológicos e sociais.

Neste sentido, é importante desmascarar todo o processo de segregação, que ilude a realidade e é silenciado nas atitudes dos sujeitos, e que tende a domá-los através do sofrimento, este que pode durar toda a vida. Esse silêncio transmite um elemento da comunicação e um aspecto paradoxal, à medida que pode apresentar-se como fenômeno de resistência. Nesse, há uma linguagem, verbal e não verbal, que nos remete diretamente a manifestações de isolamento, a solidão ou a sensação de não pertencimento.

Nessa pós-modernidade há, também, relações superficiais baseadas em jogos de poder, nos quais o valor exposto e negociado são a troca de benefícios e a perda do afeto. Essa perda do afeto provoca, muitas vezes, a sensação de desgaste da alma através do silêncio e da idealização da concepção de ética. Tais artefatos podem ser identificados nas feições e manifestações singelas do comportamento dos indivíduos. A sociedade parece regredir para valores que emergiam, outrora, em concepções superficiais e materialistas, muitas vezes apoiadas durante décadas através da história familiar. Tais valores eram idealizados através da percepção coletiva como algo positivo na manutenção de determinado meio. Lamentavelmente, isso envolvia apenas questões políticas.

Vale ressaltar que, em relação ao eixo citado anteriormente, no livro “A evolução psicológica da criança”, Henri Wallon salienta a ligação entre o desenvolvimento psíquico e o desenvolvimento biológico. No indivíduo, as sensações de bem-estar ou mal-estar propiciadas por suas relações podem interferir no organismo de forma significativa. Dessa forma, podemos compreender a afetividade, de forma abrangente, como um conjunto funcional que emerge do orgânico adquire um status social, e como essa relação, entre o biológico e o social, é uma dimensão fundante

na formação do indivíduo como um ser completo.

Com isso, a obra “Psicologia: Compreensão Teórica e Intervenção Prática” explora a diversidade e construção teórica na psicologia, através de estudos realizados em diferentes instituições de ensino, e pesquisas de âmbitos nacionais e internacionais. Essa obra é caracterizada por estudos desenvolvidos com foco em clínica psicológica, qualidade de vida, ensino, avaliação psicológica, psicopatologias, intervenção em psicologia, busca da reconfiguração do sofrimento através da felicidade, psicologia social, psicologia escolar, psicologia histórico-cultural e ética em psicologia.

Os temas foram divididos e organizados em: psicanálise, fenomenologia, existencialismo, humanismo, análise do comportamento, docência, felicidade, qualidade de vida, relações de imagem, relações de gênero, avaliação psicológica, depressão, tecnologia, psicologia social, psicologia histórico-cultural, psicologia escolar, ansiedade, intervalo reflexivo e ética em psicologia.

Sabemos o quão relevante é a divulgação da construção do conhecimento através da produção científica, portanto, a Atena Editora oferece uma plataforma consolidada e confiável, sendo referência nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PARA ALÉM DE MODERNIDADE E DE PÓS-MODERNIDADE: FREUD COMO UM PENSADOR CONTEMPORÂNEO	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.4382012051	
CAPÍTULO 2	8
ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DO PROJETO ORIGINAL E RESSIGNIFICAÇÃO DA PERSONAGEM VIOLET JONES NO FILME FELICIDADE POR UM FIO	
Caroline Lolli Julia Maffesoni Tawane Laila de Lazari Cleina Roberta Biagi	
DOI 10.22533/at.ed.4382012052	
CAPÍTULO 3	10
A (DES)REIFICAÇÃO DO MÉTODO NA PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA: PARTINDO DA EXPERIÊNCIA DO (SUPOSTO) CONHECEDOR	
Sylvia Mara Pires de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.4382012053	
CAPÍTULO 4	20
COMPREENSÃO DO SER NA CONTEMPORANEIDADE E SUPERAÇÃO DE IMPASSES PSICOLÓGICOS: CONTRIBUIÇÕES DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE	
Charlene Fernanda Thurow Virgínia Lima dos Santos Levy Daniela Ribeiro Schneider	
DOI 10.22533/at.ed.4382012054	
CAPÍTULO 5	33
PRÁTICAS INTEGRATIVAS DA PSICOLOGIA À FONOAUDIOLOGIA EM UM TRABALHO COM PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO	
Gislaine Moreira Matos Daiane Soares de Almeida Ciquinato Gabriel Pinheiro Elias Vitoria de Moraes Marchiori Carla Mancebo Esteves Munhoz Luciana Lozza de Moraes Marchiori	
DOI 10.22533/at.ed.4382012055	
CAPÍTULO 6	40
ANÁLISE FUNCIONAL DA PSICOPATIA REPRESENTADA NO FILME “PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN”	
Samuel Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.4382012056	

CAPÍTULO 7	52
CLÍNICA DE SITUAÇÕES: O ACONTECIMENTO ANTROPOLÓGICO COMO OUTRA POSSIBILIDADE DE SER NO MUNDO	
André Resende Mariana Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.4382012057	
CAPÍTULO 8	58
A CIÊNCIA EXPLICA A FELICIDADE?	
Gislene Farias de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4382012058	
CAPÍTULO 9	64
IMPROVISANDO RELAÇÕES ENTRE CORPOS MARGINAIS	
Taís Carvalho Soares Ronald Clay dos Santos Ericeira	
DOI 10.22533/at.ed.4382012059	
CAPÍTULO 10	75
ESCALA DE AVALIAÇÃO DA EXCLUSIVIDADE SEXUAL (EAES): ESTUDO PSICOMÉTRICO	
José Carlos da Silva Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.43820120510	
CAPÍTULO 11	88
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NA ÚLTIMA DÉCADA	
Nívea Moema Moura Silva Anne Caroline Santana de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.43820120511	
CAPÍTULO 12	100
PSICOLOGIA E A QUALIDADE DE VIDA: CONSTRUINDO DIÁLOGOS COM AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM CAETANÓPOLIS-MG	
Emmanuelle Fernanda Barbosa Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva Alberto Mesaque Martins	
DOI 10.22533/at.ed.43820120512	
CAPÍTULO 13	114
PESQUISA-INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL: UM DISPOSITIVO METODOLÓGICO	
Marília Novais da Mata Machado	
DOI 10.22533/at.ed.43820120513	
CAPÍTULO 14	124
MALA FE Y DEPRESIÓN: LA CULPA COMO VIVENCIA DEL AUTOENGAÑO EN EL PACIENTE DEPRESIVO	
Cristina de los Ángeles Pastén Peña	

DOI 10.22533/at.ed.43820120514

CAPÍTULO 15 137

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO MEDIADORA NO ENSINO LITERÁRIO

Antoni Gonçalves Caetano

DOI 10.22533/at.ed.43820120515

CAPÍTULO 16 148

A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA ESTRATOMÉTRICA DA PSICOLOGIA SOCIAL SOVIÉTICA

Thalysiê Correia

DOI 10.22533/at.ed.43820120516

CAPÍTULO 17 160

CONSTRUINDO DUNAS: AÇÕES DO *PROJETO DUNAH* EM DIÁLOGO COM A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Marina Corbetta Benedet

Jackelyne Maria

Gabriela Ferreira Sardá

DOI 10.22533/at.ed.43820120517

CAPÍTULO 18 170

DESDOBRAMENTOS DE INTERVENÇÕES DA ABA SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR PARA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO: ESTUDO DE CASO

Thalita de Fátima Aranha Barbosa Sousa

Pollianna Galvão Soares de Matos

Daniel Carvalho de Matos

DOI 10.22533/at.ed.43820120518

CAPÍTULO 19 191

PREVALÊNCIA DE ANSIEDADE EM TRABALHADORES DA FUNDAÇÃO DOS ESPORTES DO PIAUÍ – FUNDESPI

Francisco das Chagas Araújo Sousa

Caroline Calaça da Costa

Flavio Ribeiro Alves

Renan Paraguassu de Sá Rodrigues

Andrezza Braga Soares da Silva

Laecio da Silva Moura

Jefferson Rodrigues Araújo

Elzivania Gomes da Silva

André Braga de Souza

Samara Karoline Menezes dos Santos

Anaemilia das Neves Diniz

Kelvin Ramon da Silva Leitão

DOI 10.22533/at.ed.43820120519

CAPÍTULO 20 201

CONVIVER: UM INTERVALO REFLEXIVO

Winthney Paula Souza Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.43820120520

CAPÍTULO 21	222
DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA PERCEPÇÃO DE GESTANTES ATENDIDAS NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE PARNARAMA-MA	
Francisco das Chagas Araújo Sousa	
Renata Pereira Lima	
Wenderson Costa Silva	
Maria José Sena dos Santos	
Germana de Alencar Maia Luz	
Hisabel Pereira de Araújo	
Rômulo Matos Pinheiros	
Elzivania Gomes da Silva	
André Braga de Souza	
Samara Karoline Menezes dos Santos	
Anaemilia das Neves Diniz	
Kelvin Ramon da Silva Leitão	
Mário Sérigo de Paiva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.43820120521	
CAPÍTULO 22	233
A PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS DE PSICOLOGIA A RESPEITO DA ÉTICA NA PROFISSÃO	
Joice Franciele Friedrich Almansa	
Solange Zanatta Piva	
DOI 10.22533/at.ed.43820120522	
SOBRE O ORGANIZADOR	246
ÍNDICE REMISSIVO	247

MALA FE Y DEPRESIÓN: LA CULPA COMO VIVENCIA DEL AUTOENGAÑO EN EL PACIENTE DEPRESIVO

Data de aceite: 08/05/2020

Data de submissão: 01/02/2020

Cristina de los Ángeles Pastén Peña

Universidad de Chile, Unidad de Psicología de la Dirección de Asuntos Estudiantiles y Comunitarios de la Facultad de Medicina.

RESUMEN: La depresión es una enfermedad en la que la vivencia cotidiana de la persona se encuentra alterada completamente. Una de las formas en que es alterada esta vivencia corresponde a la culpa, el depresivo vive con una sensación de culpa constante, emoción que difícilmente puede ser comprendida ya que independiente de lo que haga la persona, la culpa permanece. En *El ser y la Nada* Jean-Paul Sartre desarrolla en profundidad el concepto de mala fe. En este texto, básicamente describe la mala fe como un autoengaño que se realizaría para negar la Nada del ser-para-sí. Este autoengaño tendría como efecto evadir al menos momentáneamente la angustia. Al analizar únicamente el capítulo de la mala fe de *El ser y la Nada*, es posible pensar que evadir la libertad que emana de la Nada del ser-para-sí no posee ningún efecto iatrogénico en la persona que es de mala fe. Sin embargo, cuando es incluido el análisis psicológico que realiza Sartre de la vida de Baudelaire (titulado

Baudelaire), surge la culpa como un posible efecto secundario de los actos de mala fe. La culpa sería, entonces, un efecto no deseable de la mala fe. Considerando que la depresión se caracteriza por una vivencia constante de culpa, culpa que, a su vez, se puede conceptualizar como un efecto secundario del autoengaño de la mala fe, surge la problemática de si la vivencia de la culpa en el depresivo estaría o no basada en una mala fe constante ¿es la culpa irracional la forma en que el depresivo vivencia emocionalmente la mala fe? En este trabajo, se plantea que la vivencia culposa del depresivo es alimentada por un actuar constante de mala fe que, a su vez, sería emocionalmente vivenciado con la culpa. Tal enfoque permitiría excavar en las raíces de la psicopatología depresiva, por debajo de la mera superficie que habitualmente se nos muestra con la exclusiva sintomatología. **PALABRAS CLAVE:** depresión, mala fe, culpa, emociones, Baudelaire

BAD FAITH AND DEPRESSION: THE GUILT AS EXPERIENCE OF SELF-DECEPTION IN THE DEPRESSIVE PATIENT

ABSTRACT: Depression is a disorder in which the daily experience of the person is completely disrupted. One of the ways in which this experience is altered corresponds to guilt, that is, the depressive

patient lives with a constant feeling of guilt, which is an emotion that can hardly be understood since regardless of what the person does, the guilt remains. On *Being and Nothingness*, Jean-Paul Sartre develops in depth the concept of bad faith. In this text, it basically describes bad faith as a self-deception that would be performed to deny the Nothingness of being-for-itself. This self-deception would have the effect of evading at least momentarily the anguish. By only analyzing the chapter about bad faith of *Being and Nothingness*, it is possible to think that evading the freedom that emanates from the Nothingness of being-for-itself has no iatrogenic effect on the person who is in bad faith. However, when Sartre's psychological analysis of Baudelaire's life (called Baudelaire) is included, guilt emerges as a possible side effect of the acts of bad faith. Guilt, then, would be an undesirable effect of bad faith. Considering that depression is characterized by a constant experience of guilt, which, in turn, can be conceptualized as a secondary effect of the self-deception of bad faith, the problem arises about whether the experience of guilt in the depressive would be or not based on constant bad faith, is the irrational guilt the way in which the depressed emotionally experience bad faith? In this work, it is argued that the culpable experience of the depressive patient is fed by a constant act of bad faith that, in turn, would be emotionally experienced with guilt. Such approach would allow digging into the roots of depressive psychopathology, below the mere surface that is usually shown to us with the exclusive symptomatology.

KEYWORDS: Depression; Bad faith; guilt; emotions; Baudelaire

EL SER-PARA-SÍ Y EL SER-EN-SÍ

La libertad en la filosofía de Jean-Paul Sartre consiste particularmente en decidir. Ahora bien, para que decidir sea posible, el ser humano debe tener características específicas que son descritas por Sartre en su obra fundamental *El ser y la Nada*. Estas características son parte de lo que el filósofo francés llama ser-para-sí, en contraposición a el ser-en-sí.

El ser-en-sí es definido por Sartre (2008) como el ser transfenoménico o ser cuya existencia va más allá de la conciencia y, para ser percibido, la conciencia debe intencionarse hacia ese objeto y salir de sí misma. Este ser-en-sí corresponde a un objeto concreto, macizo y externo a la conciencia. Seres-en-sí son todos los objetos concretos que nos rodean: una manzana, un auto, otra persona, etc. Tenemos una imagen definida de lo que son esos objetos externos y no existe duda de su identidad, la manzana es manzana y nada más, por ejemplo.

En contraposición, Sartre (2008) plantea la existencia de los seres-para-sí. Para este filósofo nosotros no nos percibimos como seres-en-sí, sino que más bien nos percibimos como seres-para-sí. El ser-para-sí es una categoría de ser que, en términos simples, no es perfectamente uno consigo mismo (así como la manzana es manzana y nada más). Joseph Catalano (1980) en su comentario de *El ser y la*

Nada¹ plantea que este ser posee una ausencia de identidad o, en otras palabras, que el hombre no está completamente identificado consigo mismo, cosa que le permite tener proyectos.

La diferencia entre el ser-en-sí y el ser-para-sí radica en que mientras en el ser-en-sí existe una absoluta identidad (la manzana que es manzana y nada más), en el ser-para-sí, no. El ser-para-sí, en palabras de Catalano, es básicamente lo mismo que la realidad humana, la cual corresponde a ser lo que no se es y no ser lo que se es².

¿Qué significa que el ser sea lo que no es y no sea lo que es? Ronald Santoni (1995) en su libro *Bad Faith, Good Faith, and Authenticity in Sartre's Early Philosophy* explica que mientras el ser-en-sí está *lleno* de sí mismo y cada parte de su ser es su ser (un tintero es un tintero, ejemplifica), el ser-para-sí no puede decir lo mismo puesto que el ser-para-sí es libre. Para Santoni, la libertad conlleva que el ser humano no sea lo que es y sea lo que no es³.

Si el ser humano no es lo que es, ¿qué es en su momento presente? Una concreta nada, dice Sartre (2008), porque su conciencia es ya un vacío total⁴, pero ¿con qué se identifica? Con lo que no es⁵, con un proyecto que aún no es concreto y que, por tanto, no existe de manera independiente a su subjetividad. La identificación del ser humano con su proyecto, con su posible, lleva a que no se identifique con lo que actualmente es (ese vacío total de su conciencia), quedando libre de cualquier definición del presente.

De esta manera, es la nada, la negación, lo que diferencia al ser-en-sí de el ser-para-sí; mientras el ser-en-sí es macizo y sin vacíos (sin negaciones), el ser-para-sí no se encuentra identificado con su presente, sino con un proyecto que es una negación, un no-ser y es esa identificación con la nada la base de su libertad.

LA LIBERTAD DEL SER-PARA-SÍ

Estos vacíos de identidad con los que el ser-para-sí no se identifica con su presente también se refieren a una desvinculación con el pasado. El ser-para-sí tampoco se identifica con su pasado ya que, según Sartre, toda decisión implica una escisión entre el pasado psíquico inmediato y el presente, que rompe con la

1 "Man, however, is said to be a for-itself because he is not perfectly one with himself. This lack of identity with himself allows man to reach out beyond himself and relate all things to himself and for his own purposes" (Catalano, 1980, p.43)

2 "The terms 'human reality', 'human being', 'for-itself' and 'consciousness' have the same meaning in Sartre's philosophy" (Catalano, 1974, p.44)

3 "The being of human reality is not what it is and is what it is not because it is free. For Sartre, being for-itself or human reality is freedom" (Santoni, 1995, p.35)

4 En el capítulo segundo se profundizará por qué la conciencia es un vacío total. El término *vacío total* es utilizado por Sartre en *El ser y la Nada*.

5 "Yo no soy aquel que seré (...) no lo soy porque el tiempo me separa de ello" (Sartre, 2008, p.77).

causalidad y el determinismo⁶. Esa escisión es una nada, nada que surge en los vacíos del ser-para-sí.

Sartre plantea que podemos comprender nuestras acciones y cómo hemos llegado a realizarlas, pero que no podemos justificarlas⁷, puesto que no existe una relación de causalidad absoluta que defina nuestro actuar. Ante cada acción surge una nada que nos distancia del pasado y que rompe con la causalidad. Pensemos en un ludópata adicto a los juegos de azar. El jugador pasa por fuera del casino y sería predecible pensar que entrará a jugar debido que posee una adicción al juego, sin embargo, también podría no entrar, ¿qué se lo impide? Podemos pensar que, si entra, es su adicción la que explica su comportamiento. Al contrario, podríamos decir que si él no entra a jugar es por su misma enfermedad, alguien podría afirmar que como ludópata sabe que una vez dentro del casino será muy difícil para él parar, por lo tanto, simplemente decide no entrar. En otras palabras, la enfermedad del jugador, su adicción, podría explicar tanto que entre a jugar (no pudo evitarlo, está enfermo) como que no lo haga (él sabe lo que le pasará, por eso no entra a jugar). El hecho de que la enfermedad pueda explicar ambos comportamientos hace que no se pueda justificar ninguno de ellos con la misma.

La falta de determinismo de cada decisión implica que existe libertad y que esa libertad nos entrega la absoluta responsabilidad de nuestros actos⁸. Como nada puede justificarnos al momento de decidir, podemos notar cómo toda la responsabilidad recae sobre nuestros hombros y cómo fácilmente podemos caer en la angustia. A partir de esta angustia es donde surge la mala fe.

De esta manera, es el ser-para-sí y no el ser-en-sí el que vivencia esta nada que separa el pasado de las decisiones presentes. Es el ser-para-sí el que no puede justificar sus acciones y que, por tanto, es libre.

MALA FE

Según Sartre, la mala fe es una actitud de la conciencia, una actitud que consiste en negar. Esta negación, en vez de dirigirse hacia afuera, hacia el mundo, se dirige hacia adentro, hacia la conciencia misma. Es un tipo de negación autodirigida, en el que se niega una parte de sí⁹.

6 “La nada que separa a mi libertad de esta esencia (yo he sido un “querer escribirlo”, pero nada, ni aun lo que yo he sido puede constreñirme a escribirlo)” (Sartre, 2008, p.84)

7 En *El ser y la Nada* Sartre afirma, a propósito de un ejemplo de un escritor que está escribiendo un libro, que “la nada separa a mi libertad de esta esencia (yo he sido un ‘querer escribirlo’, pero nada, ni aun lo que yo he sido, puede constreñirme a escribirlo); por último, la nada me separa de lo que seré (descubro la posibilidad permanente de abandonarlo, como la condición misma de la posibilidad de escribirlo y como el propio sentido de mi libertad)” (p.84)

8 He ahí la verdad desagradable explicada por Sartre en *El ser y la Nada*.

9 “Conviene escoger y examinar una actitud determinada que, a la vez, sea esencial a la realidad humana y tal que la conciencia, en lugar de dirigir su negación hacia afuera, la vuelva hacia sí misma. Esta actitud nos ha parecido que debía ser la mala fe” (Sartre, 2008, p.96)

Sin embargo, la mala fe a pesar de ser un autoengaño, se diferencia de la mentira a secas en que no posee los tres elementos que, según Joseph Catalano¹⁰, debe tener la mentira común, los cuales corresponden a: primero, quien engaña debe creer que algo es verdad; segundo, quien engaña debe expresar a otro lo opuesto a eso que cree cierto; y tercero, ese otro debe creer lo que le han expresado. En el caso de la mala fe, plantea Santoni¹¹, no hay lugar para ese otro ya que es la misma conciencia quien produce la mentira y quien cree esa mentira, por tanto, no es posible la dualidad engañador-engañado y tampoco es posible plantear la mala fe como una mentira a secas.

Ahora bien, ¿qué lleva al ser a realizar este autoengaño? Sartre afirma que la verdad que enmascara una actitud de mala fe suele ser desagradable¹², pero que el escapar de esta verdad no implica que no la conozca (como decíamos más arriba, no es posible que exista la dualidad engañador-engañado en una misma conciencia), todo lo contrario, la conciencia conoce muy bien la verdad que quiere enmascarar y, por tanto, es ella quien produce esta mala fe. La mala fe no es un estado que *afecte* la conciencia (como si fuese algo externo, fuera de la responsabilidad de la persona), es una actitud: “uno no padece su mala fe, no está infectado por ella: no es un *estado*; sino que la conciencia se afecta a sí misma de mala fe” (Sartre, 2008, p.98). La conciencia se afecta a sí misma de mala fe para huir del desagrado que produce esa verdad o para enmascarar la misma.

Pero, ¿cuál es la verdad que quiere negar la mala fe? Dijimos que la escisión entre pasado y presente genera que cada decisión esté indeterminada y, por tanto, injustificada. Esto lleva a que el ser sea responsable de todos sus actos y que, por tanto, sienta angustia. La mala fe precisamente niega la responsabilidad que poseemos ante la indeterminación de nuestros actos, evadiendo así a la angustia. De este modo, a pesar de que el ser humano sea siempre libre y siempre esté indeterminado, no siente angustia todo el tiempo.

La mala fe niega la indeterminación de nuestros actos y, con eso, la nada que surge en el ser-para-sí. Recordemos que la indeterminación se da a propósito de que en el ser-para-sí surge una nada que distancia del pasado. De esta manera, la mala fe niega lo que caracteriza al ser-para-sí (la nada) e intenta que el ser humano se comporte como un ser-en-sí, un ser sin vacíos, completamente identificado consigo mismo y determinado por su pasado.

La mala fe, entonces, evade la angustia, pero genera otro tipo de emociones. En el siguiente apartado definiremos el concepto de emoción según Sartre para luego dilucidar el vínculo que existe entre la culpa como emoción específica y el

10 En su libro *A Commentary on Jean-Paul Sartre's Being and Nothingness*

11 En su libro *Bad Faith, Good Faith and Authenticity in Sartre's Early Philosophy*

12 “Por cierto, para quien practica la mala fe, se trata de enmascarar una verdad desagradable o de presentar como verdad un error agradable” (Sartre, 2008, p.97)

autoengaño.

EMOCIONES Y MALA FE

En *Bosquejo de una teoría de las emociones*, Sartre plantea el concepto *mágico* para referirse a la emoción. Para él, la emoción es una manera de transformar mágicamente el mundo.

El concepto de mundo aquí puede resultar engañoso ya que fácilmente podríamos entender por mundo el conjunto de objetos que nos rodea, el conjunto de cosas que compartimos todos los seres humanos independiente de nuestras subjetividades o, en otras palabras, el mundo *real*. Sin embargo, no es este mundo al que se refiere Sartre cuando plantea que la emoción lo transforma.

Según Danila Suárez (2013), Sartre explicita la existencia de dos mundos posibles: un mundo *real* o en palabras del Bosquejo, el *mundo de los utensilios* y un mundo emocional o *mágico*¹³. El mundo que las emociones transforman corresponde a este segundo mundo, el mundo mágico.

Existen varias referencias en *Bosquejo de una teoría de las emociones* para el concepto de mágico. Por un lado, apunta a esa transformación del mundo propio sin un compromiso hacia el mundo real¹⁴; pero también se refiere a las relaciones interpersonales. Para Sartre, las relaciones intersíquicas de los seres humanos son parte del reino de lo mágico; de manera que el mundo social es ante todo mágico¹⁵. Lo interpersonal es considerado por Sartre como mágico debido a que se involucran los mundos internos de cada uno; lo que está en juego en lo intersíquico son las visiones de cada persona sobre los demás y no lo que es cada uno en el mundo real.

Como planteamos más arriba, las emociones transforman el mundo mágico, esto quiere decir que no tienen efecto en el mundo real. Sartre explicita en el *Bosquejo* que las emociones no son *efectivas*¹⁶ y que no poseen la capacidad de hacer transformaciones reales en el mundo, sólo surten efecto en el reino de lo mágico.

Por otro lado, Sartre deja muy en claro en el *Bosquejo* que las emociones, a pesar de surgir acompañadas de una acción modificadora del mundo mágico, no son únicamente esas acciones. Más bien, define emoción en un sentido más general como la caída de la conciencia en el mundo mágico, cuando el mundo real

13 “la declaración explícita de la existencia de dos mundos posibles: un mundo ‘real’, el mundo de la utilidad, y un mundo ‘emocional’ y ‘mágico’” (Suárez, 2013, p.39)

14 “Hay que hablar de un mundo de la emoción como se habla de un mundo del sueño o de los mundos de la locura” (Sartre, 2015, p.91)

15 “la categoría <<mágico>> rige las relaciones intersíquicas de los hombres en la sociedad y más precisamente nuestra percepción de los demás” (Sartre, 2015, p.94)

16 “Pero la conducta emotiva no se sitúa en el mismo plano que las demás conductas: *no es efectiva*. No se propone como objetivo actuar realmente sobre el objeto como tal a través de unos medios especiales” (Sartre, 2015, p.71)

desaparece y nos vemos sumergidos en un mundo irreal¹⁷. La emoción, entonces, sería el conjunto de elementos resultantes de esta caída en el mundo mágico. Pero ¿cómo y por qué la conciencia cae en este mundo mágico? Y, por otro lado, ¿cuáles son esos elementos resultantes de la caída en el mundo mágico?

La conciencia cae en el mundo mágico como resultado de un choque con el mundo real y esto sucede a menudo puesto que usualmente realizamos conductas que chocan con el mundo de los utensilios. El ejemplo que da Sartre en el *Bosquejo* corresponde a una persona que desea asir un racimo de uvas; la persona levanta su mano para alcanzar las uvas, pero no lo consigue, las uvas están demasiado altas. Podemos notar como una conducta movilizada por el deseo de comer uvas choca con el mundo real: las uvas están demasiado altas. A partir de este choque, surge la emoción, la cual, en el ejemplo dictado por Sartre corresponde a que la persona, al no lograr alcanzar las uvas, siente repulsión por ellas asegurando que no las desea porque están “demasiado verdes”. El choque entre la conducta del sujeto (intentar asir las uvas) dirigida hacia una meta en particular (comer uvas) y el mundo real (están demasiado altas) genera una emoción (repulsión por las uvas, están muy verdes), la cual, es acompañada por una conducta alternativa (dejar de intentar alcanzar las uvas) que no está dirigida hacia la meta inicial (comer uvas).

El conjunto de elementos que surgen del sumergimiento en el mundo mágico corresponde entonces a: un cambio a nivel interno (dejar de desear las uvas), una creencia irreal arraigada en el mundo mágico (están demasiado verdes) y una conducta motivada por esa creencia (dejar de intentar alcanzar las uvas).

Anthony Hatzimoysis (2009) en *Emotions in Heidegger and Sartre* describe esta estructura de la siguiente manera: primero, la persona desea realizar una conducta A1, conducta que tiene que ver con una meta determinada, sin embargo, esa conducta A1 no es posible debido a las condiciones materiales del mundo o posee un costo demasiado alto para ese sujeto (lo que la hace menos atractiva). Como A1 no es posible o es demasiado costosa, el sujeto realiza A2, la cual, es una conducta alternativa que no cumple con el propósito de A1, de aquí surge la emoción, como una derrota ante la meta de A1. En otras palabras, la emoción se genera por una conducta alternativa que no cumple con la meta de la conducta original.

Por otro lado, Danila Suárez (2013) integra el concepto sartreano de proyecto y afirma que el mundo no cambia a propósito del proyecto personal que cada uno de nosotros tenemos. Ante esto, es el ser humano el que cambia por el mundo y ese cambio es la emoción. En otras palabras, la emoción expresada indica que el mundo no está coordinado con nuestro proyecto y que nosotros nos estamos adaptando a ese mundo.

17 “Denominaremos emoción una brusca caída de la conciencia en lo *mágico*. O, con otras palabras, hay emoción cuando el mundo de los utensilios se desvanece de repente y es sustituido por el mundo mágico” (Sartre, 2015, p.101)

El proyecto es aquí un concepto central. Ignacio Abello lo define como el resultado de una decisión libre efectuada en una situación particular, que busca los mejores resultados según la perspectiva de quien toma la decisión¹⁸. Como busca algo que no se tiene o no se es en el presente, el concepto apunta hacia el futuro, hacia un ser que aún no es, pero con el que nos identificamos, llevándonos a ser el proyecto, sin serlo. Este no-ser, este proyecto, guía nuestras decisiones actuales, decisiones que nos llevan a estar creándonos continuamente.

Ahora bien, a pesar de estar arraigado en el futuro y a pesar de los postulados de Sartre sobre la libertad¹⁹, el proyecto sí se basa en algo del pasado, en una decisión realizada en completa libertad que define al ser a temprana edad, la *elección originaria*.

La elección originaria u original corresponde a un compromiso realizado a temprana edad (en la primera o segunda infancia) por el cual cada uno de nosotros decide, a partir de una situación particular, lo que *es y lo que será*²⁰. Esa situación particular suele ser un hecho traumático²¹ que ocurre precozmente y que a partir de éste, se toma una decisión, una postura frente a la vida, un *compromiso* con lo que se es y con lo que se será, que construiría las bases para el yo del presente y del futuro.

Esta vivencia traumática que nos lleva a tomar la elección original corresponde al *drama original*. Luego de esta vivencia, existe un antes y un después en la vida debido a que es este drama el que propicia la elección que nos llevará a ser lo que somos y seremos²².

De esta manera, a partir del drama original, los seres humanos toman la elección original, la cual, define al ser y, por tanto, marca la pauta de todas las futuras decisiones. El resto de los proyectos serán guiados por la elección original. Es más, toda expresión del ser, por más mínima que parezca, muestra al ser en su completa expresión y, por tanto, toda decisión, toda proyección del ser, se vincula

18 “el resultado de una decisión libre, de una situación particular que hace que se tome una opción determinando buscando resultados que se logran dentro del marco de perspectivas, consideradas satisfactorias para quien las realiza” (Abello, 2011, p.55)

19 Más arriba planteamos que la libertad se hace posible por la nada del ser-para-sí. En *Baudelaire*, Sartre expone esta idea a propósito del poeta: “Esa libertad, esa gratuidad, ese abandono que le dan miedo, son la suerte de todo hombre. ¿Es posible tocarse, verse alguna vez? Esa esencia fija y singular que busca, quizá sólo aparezca a los ojos de los otros (ser-para-otro). Quizá sea absolutamente necesario estar *afuera* para captar los propios caracteres. Quizá uno *no es* para sí mismo a la manera de una cosa. Quizá uno *no es* en absoluto: siempre en cuestión, siempre en aplazamiento, quizá uno deba *hacerse* perpetuamente” (Sartre, 1968, p.36)

20 “Llegamos aquí a la elección original que Baudelaire hizo de sí mismo, a ese compromiso absoluto por el cual cada uno de nosotros decide en una situación particular lo que será y lo que es” (Sartre, 1968, p.17)

21 Por ejemplo, en *Baudelaire* Sartre describe que el joven poeta Charles Baudelaire es abandonado emocionalmente por su madre, quien luego de la muerte de su padre se vuelve a casar y decide dejarlo en un internado. Este suceso es lo suficientemente traumático como para incentivar al poeta a posicionarse frente a la vida con una elección original que definió su entera existencia.

22 El concepto de drama original es descrito en *San Genet comediante y mártir*. Luego del drama original del dramaturgo Jean Genet, Sartre retrata que se desarrolló en él un clima de horror que lo acompañó por el resto de su vida.

con esta decisión realizada a temprana edad que define al ser²³.

La emoción, entonces, sería producto del sumergimiento en el mundo mágico, sumergimiento que se vivencia como un choque entre proyecto y mundo. Proyecto, que sería definido por la decisión original de cada ser humano; lo que indica que la emoción sería un choque no sólo entre proyecto y mundo sino también entre decisión original y mundo.

CULPA Y MALA FE

La elección original no sólo es la base del proyecto que choca con el mundo real generando emociones, sino que también corresponde a los cimientos de lo que cada uno considera el Bien y el Mal. En la filosofía sartreana, el Bien y el Mal no son previos a la existencia y corresponden a parámetros generados individualmente. En la biografía del poeta Charles Baudelaire, Sartre afirma que el Bien es el objeto y el fin de la voluntad profunda de cada individuo, la cual, se define por la elección original²⁴. En el caso de Baudelaire, a partir de su opción por el narcisismo²⁵, construye lo que será el resto de su vida su voluntad fundamental (volcarse hacia sí mismo y desconectarse de los demás). Por el contrario, el Mal consiste en desobedecer esa voluntad.

Con relación a esto, para Sartre la mala fe se define como *no actuar según el propio Bien* o, en otras palabras, como actuar en contra de la voluntad profunda marcada por la decisión original: “Esta alma singular (Baudelaire) vive en la mala fe. Hay, en efecto, en ella algo que se disimula a sí misma en una fuga perpetua: es que ha elegido no ser *su* Bien” (Sartre, 1968, p.67).

Esta definición de mala fe planteada en *Baudelaire* nos entrega un horizonte psicológico del concepto de mala fe que no había sido abordado en otras obras. La mala fe tendría relación no sólo con la negación autodirigida respecto a la calidad de ser-para-sí (o, en otras palabras, actuar como si se fuera un ser-en-sí y negando la nada del ser-para-sí), sino también con el ejecutar acciones que vayan en contra de los valores individuales.

La mala fe, entonces, correspondería a un acto que va en contra de la voluntad

23 “El proyecto original que se expresa en cada una de nuestras tendencias empíricamente observables es, pues, el *proyecto de ser*; o, si se prefiere, cada tendencia empírica está con el proyecto original de ser en una relación de expresión y de satisfacción simbólicas” (Sartre, 2008, p.763)

24 “Cuando un hombre escoge el crimen por interés en pleno acuerdo consigo mismo, puede ser perjudicial o atroz, pero no hace en verdad el Mal por el Mal: no hay en él ninguna desaprobación de lo que hace. Sólo los otros pueden, desde afuera, juzgarlo malo; pero si nos fuera lícito pasearnos por su conciencia, sólo encontraríamos en ella un juego de motivos, groseros quizá, pero concordantes. Hacer el Mal por el Mal es exactamente hacer a propósito lo contrario de lo que sigue afirmando como Bien. Es querer lo que no se quiere -pues se continúan aborreciendo las potencias malas- y no querer lo que se quiere -pues el Bien se define siempre como el objeto y fin de la voluntad profunda-. “(Sartre, 1968, p.59)

25 En *Baudelaire*, Sartre explica que luego del abandono de su madre, el poeta toma como decisión original volcarse a sí mismo en una actitud narcisista.

profunda de la decisión original. Este acto sería el *Mal*, entendiendo este concepto como una construcción individual. Ahora bien, hacer el mal podría generar culpa y, por tanto, ser de mala fe podría generar culpa en el ser que se autoengaña.

Para afirmar que la mala fe genera culpa, nos apoyamos en lo explicitado por Sartre en *Baudelaire*. Sartre afirma que los actos de mala fe generan una conducta de autocastigo por una especie pecado que se desea expiar, conducta que por lo demás no es útil:

Y sin duda más allá del pecado presente, la punición apunta mucho más profunda, mucho más oscuramente a esa Mala Fe que es su verdadera falta, que no quiere reconocer y sin embargo trata de expiar. Pero en vano intenta franquear el círculo vicioso donde se ha encerrado: pues el verdugo tiene tan mala fe como la víctima; el castigo es una complacencia como el crimen: apunta a una falta libremente construida en falta por preferencia a normas hechas (Sartre, 1968, p.70)

En el caso de Baudelaire, al actuar de mala fe rompe con su propia norma (la voluntad de su decisión original), causándose un daño (se autoengaña en su mala fe) y, como es un acto consciente, siente responsabilidad por ello (culpa). Ante esta culpa, el ser genera conductas poco eficientes de autocastigo. De esta manera, la culpa se vuelve un indicador emocional de que actuamos de mala fe. Las emociones, entonces, nos darían evidencia de un autoengaño realizado de manera no voluntariosa.

La mala fe, recordemos, es un autoengaño para evadir la angustia. Hasta entonces parecía no existir ningún efecto negativo en este acto. Parecía que autoengañarse sólo generaba efectos positivos: intentar y, en muchos casos lograr aunque de manera momentánea, evadir la angustia generada por la libertad total. Con la culpa como efecto secundario de la mala fe, surge una nueva dimensión emocional de la vivencia del autoengaño.

LA CULPA COMO ALTERACIÓN EN LA VIVENCIA EN EL DEPRESIVO

La depresión es un trastorno monopolar del ánimo que si bien puede ser fácilmente reconocible por una gama de síntomas que lo caracterizan -ánimo decaído, alteraciones en el sueño, problemas de concentración, sentimientos de culpa irracionales, sensación de angustia, entre otros (DSM-V)- es mucho más que eso. La depresión es una alteración en la manera en que cada ser es-en-el-mundo, dicho de otro modo, este trastorno no puede ser únicamente comprendido como un conjunto de síntomas sino más bien debe ser entendido como como un cambio total en la vivencia que el paciente tiene del mundo y de sí mismo. Para Otto Dörr, la depresión

es más que tristeza (muchos depresivos se quejan, por el contrario, de 'no poder estar tristes', de 'no poder llorar'), que compromete la vida toda, hasta el último rincón del alma, razón por la cual el depresivo no puede distraerse, como sí puede hacerlo alguien que está embargado por una pena o preocupado por algo (Dörr, 1997, p.229)

Diversos autores han realizado descripciones de esta vivencia alterada del depresivo con investigaciones que apuntan a una alteración en la temporalidad (Ratcliffe, 2012 ;Ghaemi, 2006; Dörr, 1997; Mazarelli, 2006). Matthew Ratcliffe (2013), por su parte, además plantea una alteración en la voluntad.

En este trabajo, sin renegar de las investigaciones anteriormente mencionadas que apuntan a una alteración en la temporalidad y en la voluntad, planteamos que la vivencia del depresivo está alterada además con la culpa.

Toda la vivencia del depresivo, su manera de estar en el mundo, está teñida por una vivencia crónica de culpa. De este modo, la culpa no sólo sería parte del conjunto de síntomas que describen la depresión, sino también una alteración en la vivencia completa de la vida del paciente.

Esta vivencia alterada por la culpa es descrita de manera profunda por Sartre en *Baudelaire*. Una culpa que, como mencionamos anteriormente, no obedece a leyes externas acerca del Bien y el Mal, sino más bien a parámetros individuales a propósito del proyecto original.

Los parámetros individuales de la culpa cobran sentido cuando reflexionamos acerca de la culpa del depresivo, la cual, es crónica e irracional. No hay manera de convencer al depresivo con argumentos racionales de que las cosas por las cuales se siente culpable *no son su culpa*, no hay parámetro externo que lleve a que el paciente *no se sienta culpable*. El paciente depresivo que dentro de su trastorno no conlleva una pérdida del juicio, es capaz de entender racionalmente los parámetros externos que el terapeuta expone y que dictaminan que las cosas por las cuales se siente culpable no son su culpa, pero no es capaz de sentirlo así. A pesar de todos los argumentos, el depresivo continúa sintiéndose culpable.

Los parámetros externos, entonces, no son lo que definen la culpa en el depresivo. De este modo, las ideas internas acerca del Bien y el Mal adquieren protagonismo. El depresivo sentiría culpa por estar continuamente actuando en contra de su proyecto originario o, dicho de otro modo, actuando con el Mal.

La culpa que arrastra este actuar se vivencia con un autocastigo crónico

o más bien su mala fe es tan profunda que ya no la domina. Tiene tan violento horror de sí mismo, que su vida puede considerarse una larga serie de castigos que se inflige. Mediante la autopunición se redime (Sartre, 1968, p.69).

La mala fe incontrolable. El ir en contra del propio proyecto como una forma de vida que se traduce en una culpa constante acompañada de un crónico autocastigo.

Esa es la vivencia del depresivo que es en el mundo con una culpa de la cual no puede distraerse y con una mala fe crónica de la cual es responsable pero que, a la vez, se le ha escapado de las manos.

CONCLUSIONES

La mala fe como autoengaño que apunta a negar la nada del ser-para-sí con el propósito de evadir la angustia posee efectos secundarios a nivel emocional. Esos efectos corresponden principalmente a la culpa y al autocastigo. Estos dos elementos (culpa y autocastigo) son particularmente importantes en la sintomatología depresivo, especialmente la culpa que es considerada incluso por un manual tan sintomático y descriptivo como el DSM-V.

Ahora bien, la culpa no es un síntoma más de la depresión, sino que es una alteración que afecta toda la vivencia que tiene el paciente de sí mismo y del mundo. La forma completa en que el paciente se mueve en el mundo se ve alterada por una culpa crónica que no obedece a parámetros externos, sino más bien a ideas internas acerca del Bien y el Mal basadas en el proyecto original.

La culpa del depresivo se debe a un continuo actuar de mala fe que consiste no sólo en negar su calidad de ser-para-sí, sino también en ir en contra de los lineamientos de su propio proyecto originario. Esta actitud genera una autopunición constante que radica en una mala fe incontrolable.

Esta visión de la culpa en el depresivo apunta no sólo a un enriquecimiento de las investigaciones previas de la fenomenología de este trastorno, sino también a nuevos lineamientos en psicoterapia. Si la culpa del depresivo radica en parámetros internos respecto al proyecto original, la decisión originaria adquiere una mayor importancia en el tratamiento. Nuevas dimensiones de la culpa podrían llevarnos a diferentes comprensiones de la misma, además del uso de distintas técnicas que convendría investigar.

REFERENCIAS

ABELLO, Ignacio. *Las relaciones conmigo y con los otros a partir de Sartre*. Bogotá: Uniandes, 2011

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual de diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales*. Madrid: Editorial Médica Panamericana, 2014

CATALANO, Joseph. *A Commentary on Jean-Paul Sartre's Being and Nothingness*. Chicago: University Chicago Press, 1980

DÖRR, Otto. *Psiquiatría Antropológica*. Santiago: Editorial Universitaria, 1997

GHAEMI, Nassir. *Feeling and Time: The Phenomenology of Mood Disorders, Depressive*

Realism, and Existential Psychotherapy. *Schizophrenia Bulletin* N. 33, 2007, P.122-130

HATZIMOYSIS, Anthony. **Emotions in Heidegger and Sartre.** In.: GOLIDE, P. (ed.), *The Oxford handbook of philosophy of emotion.* Oxford, Oxford University Press: 2009, pp- 215-135.

MAZZARELLI, Alfonso. **Lecciones de psicología anormal y patológica.** Santiago: Universidad Diego Portales, 2006

SANTONI, Ronald. **Bad Faith, Good Faith and Authenticity in Sartre's Early Philosophy.** Philadelphia: Temple University Press, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **San Genet, comediante y mártir.** Buenos Aires: Losada, 1967.

_____. **Baudelaire.** Buenos Aires: Losada, 1968.

_____. **La trascendencia del ego.** Buenos Aires: Losada, 1968.

_____. **El ser y la Nada.** Buenos Aires: Losada, 2008.

_____. **Bosquejo de una teoría de las emociones.** Madrid: Alianza, 2015.

SUÁREZ, Daniela. **El carácter mágico de la vida emocional irrefleja dentro de la ontología sartreana.** *Revista de Filosofía y Psicoanálisis* N. 3, 2013, p. 32 – 43.

RATCLIFFE, Matthew. **Varieties of Temporal Experience in Depression.** *Journal of Medicine and Philosophy.* N. 37, 2012, p.114-138

_____. **Depression and the phenomenology of free will.** In.: FULFORD, K., DAVIES, M., GIPPS, R., GRAHAM, G., SADLER, J., STANGHELLINI, G, THORNTON, T (ed.), *The Oxford Handbook of Philosophy and Psychiatry.* Oxford, Oxford University Press: 2013, pp. 574-591

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alienação 10, 27, 29, 30, 31, 69

Análise do comportamento 40, 43, 51, 170, 172, 176, 187, 188, 189, 190

Ansiedade 33, 36, 56, 60, 100, 103, 105, 106, 107, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 224, 227, 231

Antropologia 30

Arte 64, 65, 66, 67, 69, 70, 74, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 209

Avaliação psicológica 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 231

B

Bem-estar 58, 59, 60, 103, 104, 108, 110

C

Cartografia 64, 74, 114, 118, 121

Conflito 36, 47, 221, 229, 240

D

Dança 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 161, 166, 209, 215, 216, 218

Depressão 33, 36, 45, 52, 73, 103, 105, 106, 197, 199, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

E

Educação inclusiva 174, 189, 190

Emoção 25, 60, 191, 192

Ética 17, 18, 36, 68, 105, 115, 170, 191, 195, 207, 212, 226, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 244, 245

Existencialismo 10, 12, 20, 32

F

Fenomenologia 8, 22

Fonoaudiologia 33, 34, 35, 38

G

Gravidez 45, 222, 223, 224, 227, 229

I

Interseccionalidade 10, 18

L

Literatura 20, 22, 61, 77, 78, 88, 89, 91, 104, 110, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 146,

147, 158, 163, 173, 178, 189, 199, 236

M

Modernidade 1, 2, 3, 4, 5

Mulheres 17, 35, 59, 78, 83, 85, 92, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 224, 230

P

Progressão 205

Promoção da saúde 62, 100, 103, 104, 111, 112, 220

Psicanálise 1, 4, 5, 7, 14, 15, 20, 22, 25, 28, 52

Psicologia escolar 170, 171, 176, 178, 188, 189, 190, 202, 211, 214

Psicologia histórico-cultural 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169

Psicologia social 58, 121, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158

Psicossocial 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 190, 200

Q

Qualidade de vida 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 59, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 187, 188, 199, 206, 223, 228

R

Reabilitação 33, 34, 36, 38, 39, 200

Relações interpessoais 148, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 213, 220, 221

S

Saúde coletiva 34, 39, 112, 113, 199, 220, 230

Saúde mental 40, 42, 58, 59, 60, 62, 191, 199, 200, 230, 232

Sexualidade 4, 73, 74, 75, 78, 79, 82, 84, 86

Sufrimento psíquico 20, 21, 22

Subjetividade 11, 16, 19, 20, 22, 23, 26, 31, 52, 64, 66, 67, 72, 73, 74, 112, 121, 162, 175, 230, 235

T

Tecnologia 137, 138, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 201

Testes psicológicos 88, 89, 90, 97

Trabalho 4, 8, 10, 13, 20, 22, 25, 30, 33, 36, 38, 39, 40, 42, 48, 50, 52, 53, 54, 89, 94, 97, 98, 103, 108, 109, 110, 115, 121, 146, 150, 153, 160, 161, 162, 166, 169, 170, 171, 176, 178, 180, 183, 184, 187, 190, 191, 193, 195, 198, 200, 204, 205, 213, 220, 225, 235, 242, 243

Transtorno do espectro autista 170, 171, 174, 175, 189

 **Atena**
Editora

2 0 2 0